

OSVALDO RODRIGUES DA CUNHA
HERPETÓLOGO E HISTORIADOR DO MUSEU
PARAENSE EMÍLIO GOELDI

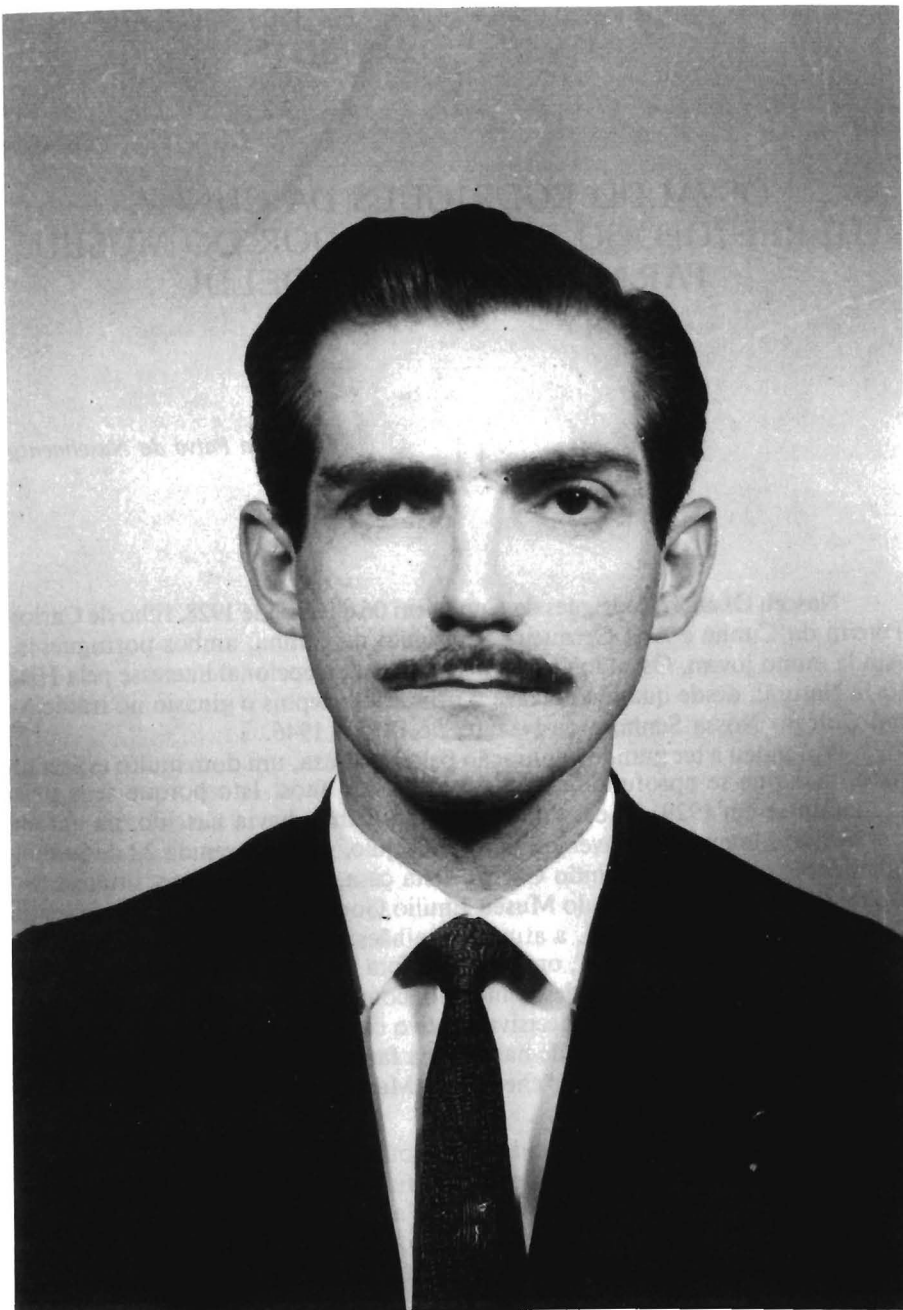
Francisco Paiva do Nascimento¹

Nasceu Osvaldo Rodrigues da Cunha em 06 de abril de 1928, filho de Carlos Pereira da Cunha e Ana Cerqueira Rodrigues da Cunha, ambos portugueses. Ainda muito jovem, Osvaldo Cunha demonstrou excepcional interesse pela História Natural, desde quando cursava o primário e depois o ginásio no tradicional Colégio Nossa Senhora de Nazaré, de 1937 a 1946.

Aprendeu a ter grande admiração pela Natureza, um dom muito especial, nato, mas que se aprofundou com o passar dos anos. Isto porque seus pais mudaram-se em 1929, da casa onde Osvaldo Cunha havia nascido, na antiga rua de São Mateus, hoje Avenida Padre Eutíquio, para a Avenida 22 de junho, que depois se chamou Alcindo Cacela. Esta casa, ainda existente, situa-se de frente da lateral do Parque do Museu Emílio Goeldi, entre as Avenidas Gentil Bittencourt e Independência, a atual Magalhães Barata, na esquina das quais acha-se a loja "A Doméstica", onde seu pai fora Gerente, entre os anos de 1928 a 1941. A contínua vivência, desde menino, com os animais do Parque Zoobotânico do Museu, incutiu-lhe decisivamente o caminho futuro de sua vida. Daí em diante, passam-se 60 anos de harmônica familiaridade com tudo o que diz respeito ao Museu Paraense. O "cheiro" do Museu e do Parque impregnara-lhe o espírito para sempre.

Pessoa de cultura geral elevada, cedo soube dominar com facilidade o ramo da Ciência a que se dedicaria, nos anos futuros, a Zoologia, com especialidade em Herpetologia; abrangendo também a História científica da Amazônia e em particular a História do Museu Emílio Goeldi. Não demonstrou inclinação para freqüentar Faculdade ou Universidade, de modo que não obteve curri-

¹ SCT-PR/CNPq — Museu Paraense Emílio Goeldi — Deptº de Zoologia



Pesquisador Oswaldo Rodrigues da Cunha (1969)

culo universitário. Mas para suprir tal deficiência, apenas bastou participar de cursos e estágios com especialistas, pesquisar bibliotecas nos institutos, nos museus científicos e através da sua própria biblioteca, que compreende hoje cerca de 7.000 volumes de assuntos diversos, constituída ao longo de 40 anos, com esforço e dispêndio próprio, a fim de que se tornasse, sem dúvida, um dos mais eficientes herpetólogos do Brasil e, também, cultor da História da Ciência no Brasil. Mas de todas as bibliotecas que foram familiares a Oswaldo Cunha, encontra-se a notável Biblioteca do próprio Museu Emílio Goeldi, como sendo a principal fonte de suas pesquisas desde 1946. Depois foi a do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Para satisfazer suas aspirações em busca de melhores conhecimentos científicos, Oswaldo Cunha, no final de 1945, com 17 anos de idade, ainda cursando o ginásio no Colégio Nossa Senhora de Nazaré, veio estagiar na antiga Seção de Zoologia, hoje Departamento de Zoologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nessa época, o Museu era administrado pelo Governo do Estado do Pará, e subordinado à Secretaria de Educação do Estado, sendo diretor o Professor Inocêncio Machado Coelho, que aprovou seu estágio com admiração ao perceber o interesse do jovem Oswaldo Cunha. O Professor Machado Coelho, especialista em literatura portuguesa e francesa, atualmente com 81 anos, ainda exerce funções culturais como membro do Conselho Estadual de Cultura do Pará.

Oswaldo Cunha relembra ainda, sem arrependimento, a sua rebeldia acompanhada pela desilusão que possuía pelos cursos, estereotipados, rotineiros que então eram ministrados nas faculdades de Belém, como Medicina, Engenharia Civil, Farmácia, Odontologia, Direito, etc.; então com seus 18 anos de idade não desejava seguir nenhuma dessas profissões; nem a carreira militar, como veremos adiante e, muito menos, estabelecer-se como um insípido e frustrado comerciante, tal como um dia pensara seu pai. No Brasil qualquer jovem que pensasse seguir carreira científica, há 50 ou 40 anos atrás, era julgado como visionário, fantasista, um louco, certamente um candidato que caminhava para viver sem futuro, na miséria e morrer de fome. Mas o tempo passou, as circunstâncias se alteraram, o Brasil e o Pará mudaram. A vocação decidida de Oswaldo Cunha pelas Ciências da Natureza e a sua tenacidade para alcançar o seu objetivo foram maiores, e ele venceu as dificuldades e todos os obstáculos, com a seriedade e a convicção de que cumpria a missão que lhe fora reservada ao nascer. O Museu Goeldi esperou por ele porque dele precisaria, tanto quanto Oswaldo Cunha também precisaria da Instituição para desenvolver o seu destino, a fim de cumprir o que decidira há 40 anos.

Em 1947, seus estudos iniciais de Zoologia foram dedicados a alguns grupos de invertebrados, particularmente os lepidópteros e coleópteros (as borboletas e besouros), da área urbana de Belém, em particular as matas do Utinga e Icoaraci e da periferia da cidade, as quais apresentavam então um ambiente favorável à ocorrência de uma multidão de insetos e outros artrópodos. É em decorrência desses estudos, feitos há mais de 47 anos, que hoje Oswaldo Cunha é conhecedor profundo das alterações irreversíveis ocorridas no ambiente da região de Belém e ninguém melhor que ele sabe disso. A partir de 1951 foi ocupando-se mais sobre os vertebrados, especialmente a ordem dos répteis, aos

quais dedicaria toda a sua atenção e conhecimento, até os dias atuais, a fim de que esse grupo fosse melhor conhecido e estudado na Amazônia. Os répteis, em particular os lagartos e serpentes, eram muito deficientemente conhecidos na Amazônia, como ainda hoje ocorre em muitas áreas dessa região, apesar do grande esforço desenvolvido por Oswaldo Cunha, a seu auxiliar direto Francisco Nascimento e bem como pelas contribuições de herpetólogos brasileiros e estrangeiros.

De 1947 até 1954, Oswaldo Cunha realizou por sua conta diversas pesquisas de campo, inicialmente nas áreas de Belém, depois no Baixo Amazonas, rio Tapajós e rio Tocantins, com a finalidade de coletar material zoológico.

Em 1948 foi convocado para o serviço militar, sendo aprovado nas inspeções médicas e encaminhado para a Aeronáutica, na Base Aérea de Belém. Serviu apenas 6 meses, de fevereiro a agosto desse ano, porque já possuía um certificado de Instrução Pré-Militar adquirido através de treinamentos especiais durante a Segunda Guerra Mundial, quando ainda estudava no Colégio Nossa Senhora de Nazaré em 1944. Em fins de agosto, após a baixa no serviço militar, retornou aos seus estudos como estagiário no Museu Paraense Emílio Goeldi. Oswaldo Cunha não tinha vocação alguma para a carreira militar, embora tenha sido várias vezes convidado, na época, pelo comando da Base Aérea a fim de cursar a Escola de Oficiais da Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro. Não aceitou. No entanto, aqueles seis meses de contrariedades tinham trazido prejuízos aos seus estudos zoológicos.

Em setembro de 1949, a fim de ganhar tempo, foi estagiar na antiga Divisão de Zoologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, às expensas de seu pai, até janeiro de 1951, onde permaneceu sob a orientação dos renomados especialistas, Drs. José Cândido de Melo Carvalho e José Lacerda de Araújo Feio (em 1955, o primeiro foi diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi e ambos também foram diretores do velho Museu da Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro). Durante sua permanência no Museu Nacional, Oswaldo Cunha frequentou vários cursos ministrados, ora pelos seus orientadores, ora por outros naturalistas professores em Ciências como Biologia, Anatomia Comparada, Estatística aplicada à Biologia, História Natural Prática e Biologia Geral.

Deixando o Museu Nacional em 1951, foi continuar seus estudos com maior preparo técnico e mais desenvoltura na Seção de Zoologia do Museu Emílio Goeldi, até 1953, quando ingressou definitivamente no quadro de funcionários desta Instituição. Foi em 17 de dezembro desse ano que Oswaldo Cunha veio a ser nomeado Naturalista Padrão R. do Museu, por decreto do então Governador do Estado do Pará, General de Divisão Alexandre Zacarias de Assunção. Era diretor do Museu na ocasião o Dr. Armando Bordalo da Silva, com quem Oswaldo Cunha não se entendeu, devido a intransigência deste senhor. Mas apesar dos contratemplos, logo dedicou-se exclusivamente à pesquisa herpetológica e à história da Ciência na Amazônia.

Em 07 de dezembro de 1954, foi celebrado o Convênio entre o Governo do Estado do Pará e o INPA/CNPq, a fim de que ambos assumissem a responsabilidade pelos destinos do Museu Goeldi por 20 anos, prorrogáveis. Finalmente, em 06 de abril de 1955 os referidos órgãos passam a administrar o Museu, atra-

vés do Dr. Olympio Ribeiro da Fonseca, como diretor temporário, a fim de equipá-lo e promover o desenvolvimento científico que este Instituto havia perdido. Infelizmente, por interferência de terceiros, nessa ocasião, Oswaldo Cunha foi injustamente rebaixado de função, passando de Naturalista do quadro antigo, a Preparador e depois Conservador na Divisão de Zoologia, do quadro INPA/CNPq, situação essa que lhe acarretou prejuízos nas pesquisas herpetológicas, retardando-os, ao mesmo tempo que lhe inculcava certo mal-estar com velada humilhação. Teria que começar quase tudo de novo.

Pelo final de 1955, Oswaldo Cunha foi transferido para a Divisão de Geologia, a seu pedido, também devido a questões técnico-administrativas, incompatíveis com suas funções e por insatisfação. Durante 3 anos trabalhou sob a direção do Dr. Cândido Simões Ferreira, em perfeita sintonia de ideais, pois ambos buscavam alcançar um objetivo dos mais importantes: a restauração da Geociência no Museu. Desenvolviam simultaneamente, amplo projeto sobre a ocorrência da Formação Pirabas (Oligoceno-Mioceno inferior) no leste do Pará, através de intensa coleta de material petrográfico e fossilífero. O resultado dessas pesquisas constituiu-se na redação de quatro trabalhos com o título "Contribuição à Paleontologia do Estado do Pará", publicado no Boletim do Museu Goeldi entre os anos de 1957 a 1959. De abril a dezembro de 1958 o pesquisador foi estagiar na Divisão de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional, ainda em companhia do Dr. Cândido S. Ferreira, e também no Departamento da Produção Mineral (Divisão de Geologia e Paleontologia) do Ministério da Agricultura no Rio de Janeiro, a fim de estudarem material fossilífero da Formação Pirabas, em conjunto com vários paleontólogos desse órgão, como Rubens Santos, Lélia Duarte, Llewellym Price (répteis fósseis), Elias Dolianiti, Karl Beurten, Paulo E. Oliveira e Carlos de Paula Couto, este do Museu Nacional. Alguns desses pesquisadores já estão falecidos.

Com o retorno do Dr. Cândido S. Ferreira ao Museu Nacional no final de 1957, Oswaldo Cunha ficou respondendo provisoriamente pela Divisão de Geologia do Museu Goeldi, até meados de 1962, quando foi nomeado o geólogo Anibal Netto. Ainda prestando serviço na Divisão de Geologia, transferiu-se, entretanto, para a Divisão de Zoologia, depois de concluir que naquele setor pouco mais podia realizar, principalmente na paleontologia da Formação Pirabas, devido a uma deficiência de contato involuntário com o Dr. Cândido Ferreira. É preciso notar este fato, pois Oswaldo Cunha faz sempre questão de salientar o quanto a amizade e o perfeito entrosamento pessoal e profissional ligaram-no ao Dr. Cândido S. Ferreira. É singular que o Dr. Cândido Ferreira tenha tido a percepção sincera de aproveitar e valorizar o trabalho e os conhecimentos de Oswaldo Cunha, pois aquele pesquisador foi um homem de verdadeiro caráter, honesto, justo e que até hoje se comporta como um dos melhores paleontólogos de invertebrados do Brasil, além de ótimo professor e orientador na formação de pesquisadores, através de mestrado e doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro e Museu Nacional.

Nesse ínterim (1962), foi nomeado para diretor do Museu Emílio Goeldi o Dr. Darcy de Oliveira Albuquerque, zoólogo do Museu Nacional (falecido em 1982), o qual se interessou e prestigiou Oswaldo Cunha incentivando-o para que

ele continuasse seus estudos herpetológicos. Para tanto o Dr. Dalcy empenhou-se junto ao antigo CNPq e DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) a fim de que Cunha ascendesse ao nível de pesquisador em Zoologia, o qual de fato ocorreu em 1966 com efeito retroativo a partir de 1962.

Um pouco antes, através de um acordo entre o Dr. Dalcy Albuquerque e o Dr. Paulo Vanzolini, diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (antigo Departamento da Secretaria da Agricultura desse Estado), Osvaldo Cunha foi estagiar com esse herpetólogo, enquanto auxiliava em trabalhos científicos e participava de palestras, reuniões e seminários, de setembro de 1963 a dezembro de 1964. O Dr. Paulo Vanzolini, sem dúvida um dos grandes herpetólogos brasileiros inculcou influência, no que diz respeito aos métodos de pesquisa, nos futuros trabalhos de Osvaldo Cunha para o estudo dos répteis amazônicos.

Nessa mesma ocasião, passou também algum tempo em contato com o Dr. Alphonse Richard Hoge, (falecido em 1982), na seção de Herpetologia do Instituto Butantan. A amizade de Osvaldo Cunha com o Professor Hoge não era recente, pois já se conheciam desde os idos de 1952, quando esse pesquisador estivera em exploração no Pará e nessa ocasião visitara o Museu Paraense Emílio Goeldi. Mas, foi de 1964 em diante que a amizade e o relacionamento entre os dois mais se estreitou, principalmente entre os anos de 1978 a 1982, quando o distinto herpetólogo faleceu.

Os trabalhos sobre os répteis da Amazônia (em especial lagartos e serpentes), foram iniciados por Osvaldo Cunha ainda em 1951/52, com o estudo sobre um lagarto ápodo da família Teiidae *Bachia cophias* (Schneider), atualmente *Bachia monodactylus* (Daudin), através de um exemplar que ele mesmo coletara em uma viagem, em maio de 1951 no rio Tapajós, abaixo da cidade de Itaituba. O resultado desse estudo foi publicado num pequeno jornal católico de difusão cultural, muito restrito, de propriedade da Arquidiocese de Belém, "A Palavra" (1º de janeiro de 1955), e o título do referido estudo era "*Lacertílios da Amazônia*", sobre a ocorrência do gênero *Bachia* Gray, 1845, na Amazônia Brasileira". Em 1958, o mesmo trabalho foi republicado, com algumas alterações, no Boletim do Museu Goeldi, nova série, Zoologia, nº 11, 12 páginas e uma estampa. Nesse assunto Osvaldo Cunha faz questão de esclarecer que a sua dedicação aos estudos herpetológicos foi despertada pelo estágio efetuado ainda em 1950 no Museu Nacional, durante o tempo que passou com o importante herpetólogo daquela época, o Professor Antenor Leitão de Carvalho, chefe de Seção de Répteis. A influência de Antenor de Carvalho (hoje falecido), apesar de curta, foi de grande importância na decisão da carreira científica de Osvaldo Cunha, pois havia uma identidade de idéias e bom relacionamento de amizade, o que muito ajudou. Antenor de Carvalho era um apaixonado pela Amazônia, onde tinha vários estudos sobre répteis, anfíbios e peixes, no final dos anos 30 e metade dos anos 40. Passou algum tempo estudando no Museu Emílio Goeldi, durante a administração do diretor Carlos Estevão de Oliveira, a quem conhecia bastante. É interessante notar aqui, como a influência do herpetólogo Antenor de Carvalho fez mudar aquela primitiva vocação que Osvaldo Cunha possuía sobre os Lepidópteros, Coleópteros e outros insetos, desde o despertar de sua

propensão para o estudo da Zoologia, apesar de conviver mais tempo e mais intensamente com especialistas e orientadores já conceituados sobre os Artrópodos, como o eram o Dr. José Cândido de Melo Carvalho, o Dr. José de Araújo Feio, o Professor Romualdo Ferreira D'Almeida, então o maior Lepidoptero-logista (especialista em borboletas) da América do Sul, o Dr. Newton Santos, o Dr. Dalcy Albuquerque e outros.

Ainda respondendo pela Divisão de Geologia, Osvaldo Cunha elaborou de 1959 a 1961, o segundo estudo sobre os Lacertílios da Amazônia, trabalho este que se constituiu de fato, no levantamento preliminar das espécies de lagartos da região, publicado em 1961 no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº 39, 189 páginas. Este trabalho tivera sua publicação autorizada pelo diretor Walter Alberto Egler, uma semana antes de partir para uma ampla exploração botânica ao rio Jari, onde veio a falecer, tragicamente, quando sua canoa precipitou-se violentamente na última cachoeira desse rio, chamado Maracacuera, no dia 28 de agosto do mesmo ano.

Embora pertencendo ao quadro científico do INPA/CNPq, durante os anos de 1961 até 1975 foi bolsista do CNPq, obtendo suas diversas categorias, das quais alcançara nos últimos anos a de pesquisador adjunto A. Na época, o salário base era baixo e por isso a bolsa complementava aquele, a fim de que o pesquisador desenvolvesse projetos de pesquisa com tranquilidade e estímulo.

Em meados de 1965, Osvaldo Cunha e outros pesquisadores participaram de um curso de 30 dias sobre Geomorfologia, no Museu Paraense Emílio Goeldi, com ênfase para a Amazônia, ministrado pelo pesquisador e professor Aziz Nacib Ab'Saber da Universidade de São Paulo, hoje conhecido como um dos maiores especialistas brasileiros no assunto.

Com respeito à carreira científica e funcional do pesquisador Osvaldo Cunha, ele mesmo admite que três acontecimentos importantes marcaram sua contribuição à Ciência na Amazônia e ao Museu Paraense Emílio Goeldi, nos últimos 40 anos, quais sejam: primeiro, a reimplantação dos trabalhos geológicos e paleontológicos na antiga Divisão de Geologia, os quais se encontravam há anos paralisados, em companhia do Dr. Cândido Simões Ferreira de 1956 a 1961; segundo, os estudos históricos que efetuou sobre as origens e o desenvolvimento do Museu Paraense Emílio Goeldi, revelando todo um passado de 124 anos que se encontrava perdido e que hoje é conhecido de todos; em terceiro lugar a implantação da Seção de Herpetologia, hoje Área de Herpetologia do Departamento de Zoologia, um setor exclusivamente dedicado ao estudo dos répteis da Amazônia e também de regiões geográficas circunvizinhas. Os estudos herpetológicos no Museu Emílio Goeldi, constituem, em verdade, a sua contribuição máxima, pois nesse aspecto foi pioneiro na Amazônia e hoje a Herpetologia do Museu insere-se entre os três mais importantes setores desta especialidade no Brasil, junto com o Instituto Butantan e o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Foi em junho de 1965 que Osvaldo Cunha instalou a Seção de Herpetologia do Museu, partindo praticamente do ponto zero, pois nada parecido havia funcionado antes, nem mesmo ao tempo de Emílio Goeldi e Godofredo Hagemann, que haviam publicado apenas algumas observações sobre répteis amazônicos, no início do século. As coleções herpetológicas então